

SÉRGIO DE CAMARGO

UM BRASILEIRO INTERNACIONAL

Paris (De Armando Strozenberg, via Varig) — Nascido no Rio há 40 anos. Profissão: artista plástico. Domiciliado em Paris desde 1961. Em 1963 é Prêmio Internacional de Escultura da III Bienal de Paris e em 1965 é Grande Prêmio Medalha de Ouro da VIII Bienal de São Paulo para a categoria de escultor nacional. Sinal característico: é hoje um dos (muito) poucos artistas brasileiros internacionais.

— Muito embora o mercado de arte esteja em completa reestruturação atualmente, um artista internacional é aquele que, para efeitos de uma definição, é representado por galerias conceituadas, que está presente nos museus ditos sólidos (Tate Gallery ou a Contemporary Art Society, de Londres, Arte Moderna, de Estocolmo ou de Amsterdã, Guggenheim ou Metropolitan, de Nova Iorque, Centro Nacional de Arte Contemporânea, de Paris, etc.), um artista que é convidado regularmente pelas grandes mostras sem depender de indicação do Governo de seu país natal e cujas obras são parte de determinadas coleções particulares — fato que em princípio confirma a qualidade de sua aceitação.

— Por que esta carência de artistas brasileiros internacionais dentro das regras atuais do mercado? Seria um problema de qualidade?

— A prática deixou claro algo que os artistas brasileiros, pelo menos a maioria deles, não compreenderam: o fato de ser fundamental viver fora do Brasil, pelo menos durante algum tempo, seja na Europa ou nos Estados Unidos. Pois o colecionador, o marchand ou o crítico não programa quase nunca uma escala no Brasil, justamente por saber que normalmente o que há de melhor no mundo em matéria de arte se concentra na Europa ou nos Estados Unidos. Se há uma questão de qualidade? De forma alguma! É muito pelo contrário: fomos nós, latino-americanos, que nos impusemos à vanguarda mundial, consequência da nossa capacidade criativa posta em relação com uma Europa artística totalmente emperrada. Latente durante algum tempo, a explosão oficial ocorreria na Bienal de Veneza ao se premiar Julio Le Parc, artista argentino, isto há quatro anos. Em outras palavras, tudo passou a estar pronto para que o mercado internacional de arte absorvesse a ebulção latino-americana.

Portanto, o momento é ótimo para que o processo se acentue?

— Antes de mais nada, será preciso que não se freie o movimento de criação, na América Latina, com qualquer tipo de censura, por exemplo. Em segundo lugar, o artista brasileiro deve manter-se puro (im-puro = imitador ou oportunista).



ros constituindo os dois novos intermediários do circuito artístico atual. Mas, se revisto e enquadrado num outro contexto, seu perfeitamente favorável ao princípio do múltiplo para determinados tipos de criação artística.

Sérgio considera-se mais escultor ou pintor? A evolução do seu trabalho dá margens a várias interpretações.

— O que busco é a estrutura, onde ela estiver. Mas eu nunca fui pintor: se fui ao plano foi apenas para fugir à forma.

O que é que produz a obra?

— O artista opera tendo em vista conhecer uma verdade que conhece intuitivamente. E' esta operação de conhecimento que produz a obra.

Camargo sempre insiste no fato de existirem dois tipos de artistas — o artista-artesão e o artista-cientista ou criador.

— O artista-artesão sabe fazer — e conta. O artista-cientista ou criador sabe ver — e diz.

O que é uma obra de arte em si? Aliás, ela é capaz de existir por si?

— A obra de arte, ao meu ver, é apenas o resultado da objetivação de uma verdade subjetiva. Mas as coisas, quaisquer que sejam, só existem quando em relação com outras.

E são estas relações que contam. Por outro lado, o problema deve ser expresso pelo contexto do qual o pensamento (a obra) emerge. Por exemplo: um pássaro que voa descreve uma trajetória no espaço; para mim, é esta trajetória que atrai principalmente, pois, apesar de sua imaterialidade, ela — a trajetória — é tão verdadeira quanto o pássaro.

Ao falar em imaterialidade, Sérgio de Camargo acabou tocando num ponto controvertido, qual seja, o da arte contemporânea, e de sua linguagem, de sua liberdade maior, etc.

— Da mesma forma que seria impossível calcular um vóo orbital com algarismos romanos, o artista contemporâneo teve de inventar um outro sistema de linguagem que lhe permitisse compreender e exprimir a realidade que está conhecendo. Tornou-se, portanto, importante concretizar a destruição dos valores acadêmicos estabelecidos, pois eles bloqueavam o pensamento ao impedir de encarar o vasto campo da complexidade contemporânea. Em consequência, o que se verificou pela árdua empresa realizada pelos

criadores desde o início deste século foi justamente um processo contínuo de desmaterialização da obra de arte. Eis por que os assuntos abordados passaram a não importar mais, e os jogos formais, destacados, passaram a abrir caminho para uma criação mais livre, na qual o objeto material, transposto, se dilui no campo físico, num espaço lírico, numa palpitação, numa espécie de auréola que a obra cria por si mesma. E' o que explicam as seguintes equações:

Diferença de natureza entre:

Ilustração de uma idéia (Espaço representativo = Academia)

Expressão de um pensamento (Espaço real = Criação)

Além do muro estrutural do Itamarati de Brasília, três outros trabalhos de Sérgio de Camargo fazem parte da sede do Banco do Brasil em Nova Iorque. Exposições em Zurique, Londres, Munique, Oslo, Nova Iorque e Caracas já estão programadas até 1974. Mas talvez até o final do ano que vem uma parte do trabalho do internacional Camargo poderá ser exposta no Brasil — é o que o artista está para decidir até julho.

TEATRO | YAN MICHALSKI

UM ANO SEM CACILDA

Domingo fez um ano que Cacilda Becker morreu. Muita coisa aconteceu no teatro brasileiro durante este ano; muito desgaste, muito conflito, muita frustração, ao lado de algumas realizações generosas e inteligentes, que ela teria gostado de ver. Mas nada do que aconteceu atenua a enorme falta que ela está fazendo ao nosso teatro.

Creio que muito tempo há de se passar ainda antes que o teatro brasileiro produza de novo uma atriz tão excepcional, em todos os sentidos, como Cacilda Becker. Não vai nisto nenhum desdouro para com as excelentes profissionais que compõem a elite do nosso teatro; algumas delas são atrizes de gabarito internacional, e pelo menos duas delas — Marilva Pêra e Norma Bengell — desabrocharam magnificamente este ano, dando o salto que as separava ainda, talvez, do primeiro time. Mas seria muita sorte se uma mesma geração de espectadores merecesse, no mesmo país, dois fenômenos como Cacilda. O sofrido dom de si mesma que ela fazia a cada um dos personagens que interpretava e a cada espectador que vinha vê-la, ampliado por um talento multiforme, uma admirável inteligência e uma raríssima qualidade humana é privilégio de muito poucas figuras da história do teatro: um privilégio daqueles excepcionais monstros sagrados que fazem essa história e que, como Cacilda, não têm o ranço pejorativo habitualmente ligado à expressão monstro sagrado.

E receio que muito tempo se passe ainda antes que o teatro brasileiro volte a ter um líder dotado do mesmo prestígio, coragem, autoridade moral e capacidade espontânea de liderança que Cacilda Becker revelou à frente da Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, cuja presidência exerceu, desasombradamente, num período dos mais difíceis, tendo inclusive dado o exemplo (insuficientemente seguido) de interromper provisoriamente sua carreira de empresária e atriz para sentir-se desimpedida no exercício do mandato. Quando penso na altivez e dignidade de propósito que ela soube imprimir à Comissão paulista, e a comparo com o mesquinho jogo de interesses comerciais e as pressões políticas que ameaçam desmoralizar a Comissão Estadual de Teatro da Guanabara antes mesmo que comence a cumprir efetivamente a sua missão, na qual todos nós depositávamos tantas esperanças, é que percebo a dimensão da falta que Cacilda Becker, como personalida-

de pública, faz à nossa vida teatral. Também não apareceu ninguém ainda que soubesse empunhar tão firmemente, e com tanta dignidade, a bandeira da liberdade de expressão artística no teatro, e que impusesse tanto respeito aos seus interlocutores neste setor como Cacilda Becker o fez.

Confesso que não dou, pessoalmente, muita importância a homenagens póstumas convencionais. O exemplo de Cacilda Becker está vivo para cada um de nós que acompanhamos, ainda que do outro lado da ribalta, a sua luta e o seu trabalho — e isso é o que importa. Mas não deixa de ser melancólico o fato de que praticamente nenhuma das numerosíssimas homenagens decididas após o falecimento da grande atriz chegou a concretizar-se no decorrer destes 12 meses. Iríamos ter uma Praça Cacilda Becker, a praça até já foi escolhida, mas até hoje não se chama Praça Cacilda Becker. Um busto da atriz iria ser erigido nessa praça, uma casa de espetáculos iria receber o seu nome, um prêmio destinado a revelar anualmente uma jovem atriz iria ser criado em sua memória — nada disso foi feito. Houve até coisa pior: uma unânime homenagem do Conselho de Teatro do Museu de Imagem e do Som, que seria lida na cerimônia de entrega dos Prêmios Golfinho de Ouro e Estácio de Sá, foi sumariamente cortada pelos organizadores da solenidade, não tendo sequer sido mencionada.

A única homenagem viva, válida e expressiva, capaz de perpetuar o nome da atriz através mesmo da atividade que ela exerceu, foi realizada por um jovem, modesto e quase desconhecido grupo de teatro, que passou a chamar-se Grupo Cacilda Becker. Este mesmo Grupo foi o único a lembrar-se do primeiro aniversário da morte de Cacilda, mandando celebrar hoje, às 10 horas, no altar-mor da igreja da Candelária, uma missa em sua memória; uma lembrança que não ocorreu nem ao Sindicato dos Atores, nem à Associação dos Empresários, nem à Comissão Estadual de Teatro, nem ao Serviço de Teatro da Guanabara, nem ao Serviço Nacional de Teatro — os três primeiros aparentemente por demais ocupados com problemas ligados a verbas, e os outros dois aparentemente por demais ocupados não se sabe muito bem com o quê, para lembrar-se da artista que fez mais do que qualquer outra pessoa para o engrandecimento da profissão teatral.

MÚSICA | EDINO KRIEGER, Interino

BEETHOVEN E "BALLET"

de criação, na América Latina, com qualquer tipo de censura, por exemplo. Em segundo lugar, o artista brasileiro deve manter-se puro (ím-puro = imitador ou oportunista). Em terceiro lugar, é preciso estabelecer bons contatos, apurar ao máximo o acabamento do trabalho e sobretudo — insisto — estar presente nos pólos do mercado. Mas é preciso paciência...

Foi em 1967 que Sérgio esteve pela última vez no Brasil, isto para orientar a colocação do monumental (27 metros de comprimento) muro estrutural no auditório do Palácio dos Arcos (Itamarati) em Brasília. Na época, quem lhe pareceu pronto para o mercado internacional?

— Vários artistas. Mas os que eu mais gostei já estão ou irão para o exterior mais cedo ou mais tarde. Dentre eles, Oiticica (sua exposição em Londres foi muito debatida), Lígia Clark, Antônio Dias, A. Palatnik, etc. Todos eles têm condições para se impor, os três primeiros à Europa, e Palatnik nos Estados Unidos, onde começa a ser conhecido por alguns meios que contam. Por que esta minha preferência? Por um motivo muito simples: além da linguagem que empregam, nenhum deles é tributário de artes embaladas, como o é infelizmente uma grande parte da vanguarda brasileira.

Sérgio de Camargo diz que o mercado de arte internacional está-se reestruturando.

— O fenômeno se deve a três tipos de rupturas: 1) explosão enorme de conhecimentos e de cultura; 2) os novos limites da comunicação e dos transportes e (3) as reformas conceituais e políticas. Com isto, tudo é mais mutável e muito mais provisório, além do que a geografia perde o seu caráter anterior, de obstáculo maior.

ARTE EM SÉRIE E EM SI

Camargo, como ele é conhecido na Europa, está processando atualmente uma firma por ela ter fabricado industrialmente uma cópia exata de um trabalho seu exposto na Bienal de Veneza, tendo ainda acrescentado à cópia a função de sinêta de porta. O processo em andamento na Inglaterra leva Camargo a abordar o problema dos múltiplos em arte.

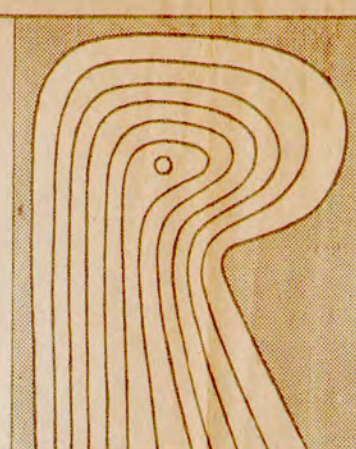
— Dentro do contexto atual, sou contra o múltiplo. Pois ele degrada o aspecto conceitual da arte na medida em que a sociedade o transforma imediatamente num bibelô comercial. Evidentemente, é possível que haja possibilidades, mesmo hoje em dia, para a multiplicação em série de alguns trabalhos. Mas, para os trabalhos feitos pelo artista-cientista (criador e inventor de signos), não há qualquer possibilidade, pois o seu trabalho será inevitavelmente desvirtuado ao se transformar num múltiplo tecnológico, que é a versão moderna dos antigos cachorrinhos de porcelana... Hoje em dia, é o artista-cientista e o comprador os que saem prejudicados pelo múltiplo, enquanto que se beneficiam os construtores (fabricantes), os distribuidores e as galerias — os dois primeiros

tem que em relação com outras

la árdua empresa realizada pelos

decidir até julho.

VIII RESUMO DE ARTE



JORNAL DO BRASIL/MAM

Artistas Seleccionados

- | | |
|-------------------|--------------------------|
| Tarsila do Amaral | Raimundo Collares |
| Amélia Toledo | Antônio Maia |
| Yutaka Toyota | Emanuel Araújo |
| Carlos Vergara | Vicente do Rêgo Monteiro |
| Abelardo Zaluar | Humberto Espíndola |
| Tomoshige Kusuno | Vandá Pimentel |
| Tomie Ohtake | Ascânio M.M.M. |
| Ubi Bava | |

De 23 de junho a 10 de julho
no MUSEU DE ARTE MODERNA - RIO

BEETHOVEN E "BALLET" NA SEMANA MUSICAL

Intensifica-se esta semana a programação comemorativa do Ano Beethoven. A Sala Cecília Meireles promove na sexta-feira o 4.º concerto de câmara da sua Série Bicentenário de Beethoven, com um programa de trios e quartetos com piano, a cargo de Arnaldo Estrêla, Mariuccia Iacovino (violino), Frederick Stephany (viola) e Iberê Gomes Grosso (violoncelo). São todos expoentes da música de câmara no país e sua apresentação cerca-se, merecidamente, da mais viva expectativa.

Sábado próximo, no Municipal, terá prosseguimento o ciclo Beethoven da OSB, sob a regência de Kurt Masur, que apresentou este sábado, o primeiro programa da Série. O ciclo compreenderá as 9 Sinfonias, 5 Aberturas, os 5 Concertos para Piano, tendo Cláudio Arrau como solista, o Concerto para Violino, com Isaac Stern, e o Concerto Triplíce, para violino, violoncelo e piano, com Stern, Leonard Rose e Eugene Istomin. Os solistas da Nona Sinfonia serão o soprano Barbara Vogel da Ópera de Berlim, o contralto Gertrude Jahn da Ópera de Viena, o tenor brasileiro Eduardo Álvarez, considerado uma das grandes revelações no cenário da ópera, e o baixo Heinz Friedrich, da Ópera de Munique. A Associação de Canto Coral emprestará mais uma vez sua valiosa colaboração.

O regente Kurt Masur, que atuará no próximo concerto apresentando a Abertura Egmont e as Sinfonias Números 2 e 5, conta 43 anos de idade e desenvolve uma brilhante carreira. Dirigiu importantes orquestras em Halle, Erfurt, Leipzig e Dresden, e foi o regente principal do Teatro Nacional de Schwerin e da Ópera Cômica de Berlim, antes de tornar-se, há três anos, regente titular da Orquestra Filarmônica de Dresden. Tem dirigido também importantes orquestras em outros países europeus, como a Orquestra Nacional da ORTF na França, a Filarmônica de Leningrado, a Filarmônica de Praga e a Sinfônica da URSS.

Os aficionados do ballet terão esta semana, depois de aplaudirem o Moisseiev e o Ballet de Israel, a presença de dois bailarinos convidados num programa do Ballet do

Teatro Municipal. Com a participação da brasileira Ivone Méier, estrela do Sadlers Wells de Londres, e de seu partner Ivan Dragdze, o Ballet do Teatro Municipal apresentará dois espetáculos, sexta-feira e sábado à noite, o primeiro dos quais em benefício do Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá. O noticiário do Teatro Municipal não especifica o programa a ser apresentado, mas menciona um grupo de artistas populares como Elisete Cardoso, Clementina de Jesus, Grande Otelo, Chico Buarque de Holanda, Helena de Lima e outros.

Eis o roteiro da semana:
HOJE, às 21 horas — Sala Cecília Meireles — Violinista Franco Christofoli (Corelli, Paganini, Geminiani, Dvorak, Bloch e Bartok). Patrocínio do Instituto Italiano de Cultura.

QUINTA-FEIRA, às 21 horas — Sala Cecília Meireles — Orquestra Sinfônica Nacional, regente Vicente Fittipaldi, solista Roberto Szidon. Concerto N.º 2, de Mendelssohn, Concerto N.º 1, de MacDowell, Aberturas de La Gazza Ladra, de Rossini e Fosca, de Carlos Gomes).

SEXTA-FEIRA, às 19 horas — Palácio da Cultura — Soprano Fátima Alegria, série Recitais PRA-2. Obras de Haendel, Mozart, Beethoven, Schumann, Fauré, Ravel, Richard Strauss, Murilo Santos, Valdemar Henrique e Mignone. Ao piano, Murilo Santos.

SEXTA-FEIRA — às 21 horas — Teatro Municipal — Ballet do Teatro Municipal. Solista Ivone Méier e Ivan Dragdze. Regência de Mário Tavares. Em benefício do Retiro dos Artistas.

SEXTA-FEIRA, às 21 horas — Sala Cecília Meireles — Série Bicentenário de Beethoven. Trio Op. 3, Quarteto em Mi Bemol, Trio Op. 9. Pianista Arnaldo Estrêla, violinista Mariuccia Iacovino, violista Frederick Stephany e violoncelista Iberê Gomes Grosso.

SÁBADO, às 16h30m — Teatro Municipal — Ciclo Beethoven da Orquestra Sinfônica Brasileira. Regente Kurt Mazur (Egmont, Sinfonias 2 e 5).

SÁBADO, às 21 horas — Teatro Municipal — Ballet do TM. Solistas Ivone Méier e Ivan Dragdze. Regência de Mário Tavares.